

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE DO SUPERVISOR DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS

Nádia Oliveira da Silva

Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: nadiaoliveira.s92@gmail.com.

Candy Estelle Marques Laurendon

Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: nacyda@gmail.com.

RESUMO

O estágio curricular é condição obrigatória e fundamental para a formação de psicólogos, pois é *locus* de transição entre a teoria e prática profissional ao possibilitar o aperfeiçoamento de competências para a atividade do psicólogo. Portanto, o papel do supervisor de estágio é fundamental, pois acompanhará a aprendizagem e desenvolvimento profissional desses futuros profissionais. Não obstante, estudos apontam para a escassez de trabalho acerca de supervisão de estágio, evidenciando ainda, a inexistência de formação para estes profissionais e a falta de sistematização desta atividade. Assim, o presente estudo visa uma investigação sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da atividade do supervisor de estágio e suas implicações na formação de psicólogos, a luz da teoria sociocultural vygotskyana e do campo da didática profissional. Dois supervisores participaram deste estudo realizando a Entrevista sobre a trajetória de vida profissional, e num segundo momento, a Instrução ao Sósia; as entrevistas foram audiogravadas e analisadas a partir da análise de conteúdo, ao avaliar os conhecimentos práticos e teóricos, relação supervisor com os membros do grupo e situação da atividade profissional. Observou-se que o supervisor desenvolve sua atividade a partir da experiência com as situações clínicas de estágio e com a supervisão que realizam ao longo de suas formações. Ademais, os instrumentos utilizados no espaço de supervisão são fundamentais para a aprendizagem e desenvolvimento dos supervisionandos. Sugere-se para estudos futuros a realização da pesquisa com profissionais mais experientes em outras abordagens psicoterapêuticas.

Palavras chaves: Supervisor de estágio em psicologia, aprendizagem, desenvolvimento humano, formação de psicólogos.

INTRODUÇÃO

Na formação de psicólogos, o estágio curricular é uma condição obrigatória e fundamental que é realizado pelos graduandos no último ano do curso de psicologia. Trata-se de uma etapa da formação na qual o futuro psicólogo é desafiado a articular os conhecimentos adquiridos no percurso teórico da graduação, com a prática profissional realizada no estágio.

Diante deste cenário, a supervisão de estágio é uma atividade fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento profissional continuado de psicólogos, uma vez que é *locus* de transição entre a teoria e a prática profissional ao possibilitar o aperfeiçoamento de competências necessárias para o exercício da atividade do psicólogo (OLIVEIRA-MONTEIRO, NUNES, 2008; BARRETO, BARLETTA, 2010).

De um modo geral a supervisão de estágio na clínica é administrada por um supervisor: profissional de psicologia que possui larga experiência com a clínica psicológica – , no qual acompanhará a aprendizagem e o desenvolvimento profissional do estudante que inicia a prática dos atendimentos clínicos, dando as orientações devidas para a condução e manejo do caso (MOREIRA, 2003).

Apesar da importância de tal atividade para a formação de psicólogos, estudos na literatura apontam para escassez de trabalhos sobre o referido tema que discutam e proponham uma prática linear e uniforme para a realização das supervisões de estágio na clínica, de modo a possibilitar a avaliação da aprendizagem e desempenho dos supervisandos (RODRIGUES, 2007; SARAIVA & NUNES, 2007; BARRETO & BARLETTA, 2010; SEI & PAIVA, 2011).

Tal discussão é levantada, pois a maioria dos trabalhos encontrados na literatura sobre este tema abordam aspectos teóricos e experiências pessoais de profissionais supervisores. Outros escritos propõem a utilização de alguns modelos e/ou ferramentas específicas para a supervisão (PREBIANCHI & AMATUZZI, 2000; BORIS, 2008; TAVORA, 2002; SOUSA & PADOVANI, 2015). Isto, pois no Brasil não existe uma formação profissional específica regulamentada para a capacitação de supervisores de estágio em psicologia, e por esse motivo, encontra-se uma pluralidade de modelos de supervisão pautados na experiência e formação profissional do supervisor (OLIVEIRA-MONTEIRO & NUNES, 2008; BARRETO & BARLETTA, 2010; ZANETTI & GUIMARÃES, 2014).

Baseado nesta discussão, o presente estudo visa discutir sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da prática profissional dos supervisores de estágio clínico em psicologia e suas implicações na formação de psicólogos, a luz dos pressupostos teóricos da psicologia sociocultural de Lev Vygotsky e do campo da Didática Profissional. Trata-se, pois, de um recorte acerca dos achados encontrados no trabalho de dissertação de mestrado em fase de conclusão da primeira autora deste trabalho, com orientação da segunda autora.

Optou-se pela perspectiva sociocultural vygotskyana, por considerar o Homem como fruto das relações que estabelece com o meio social, a partir da intermediação dos instrumentos simbólicos construídos por uma dada cultura e que é transmitido de uma geração para outra através da linguagem. Essas relações estabelecidas com o meio social possibilitam que o sujeito aprenda e se desenvolva ao longo de toda sua existência. Para Vygotsky, o Homem já nasce aprendendo e essa aprendizagem quando se torna mais estruturada, permite

que o sujeito passe a internalizar os processos psicológicos internos, adquirindo formas de pensamento cada vez mais complexas e abstratas. Um conceito fundamental que exemplifica a ocorrência da aprendizagem refere-se a Zona Próxima de Desenvolvimento (ZDP) –, espaço simbólico representado pelo que o sujeito é capaz de realizar sozinho, e o que ele é capaz de desenvolver a partir da orientação de alguém mais experiente com a atividade em questão (VYGOTSKY, 1998).

Por outro lado, a Didática Profissional diz respeito a um campo teórico e metodológico do conhecimento que surgiu na França em meados de 1990, a partir de Vergnaud, Pastré e Mayen (1994) no qual visa compreender a atividade profissional e a aprendizagem dos adultos nesse espaço. Para este campo teórico o sujeito aprende com a experiência, ou seja, na realização da atividade profissional, e tal exercício possibilita o desenvolvimento de competências específicas para a realização de sua atividade (PASTRÉ, 2011). Nesse sentido, a análise das situações de trabalho possibilita a identificação dos conhecimentos-em-ação e os instrumentos que permeiam a prática de uma atividade profissional contribuindo, desse modo, na formação das competências profissionais em um local de trabalho.

As situações, por sua vez, são caracterizadas como todas as questões e operações com as quais uma pessoa se depara no meio ambiente, podendo ainda ser compreendidas como um conjunto de tarefas específicas na qual o sujeito buscará entender e analisá-las (VERGNAUD, 1990).

Com base nesses preceitos teóricos, a investigação da aprendizagem e do desenvolvimento da atividade do supervisor será realizada a partir da identificação: (i) dos conhecimentos práticos e teóricos que embasam esta atividade, (ii) da relação entre supervisor e o grupo de supervisandos – ao entender que tal relação também propicia a aprendizagem do supervisor, e (iii) a partir das situações comuns frente a esta atividade profissional – uma vez que entende-se que tais situações se configuram, também, no desenvolvimento de tal atividade.

METODOLOGIA

Para investigar o processo de aprendizagem e de desenvolvimento da prática profissional do supervisor de estágio em psicologia, optou-se por uma metodologia qualitativa de abordagem sociocultural. Para a discussão do presente texto, serão apresentados os dados de pesquisa coletados durante o Mestrado, relacionados a dois supervisores de estágio clínico

em psicologia que atuam em duas instituições diferentes situadas na região metropolitana do Recife.

A entrevista realizada com os dois profissionais é constituída por dois momentos. Uma primeira parte remete a uma *entrevista sobre a trajetória de vida profissional*, baseada na abordagem (auto)biográfica de Josso (2007), que tem por objetivo compreender os significados atribuídos às experiências profissionais e pessoais dos sujeitos ao longo de seus percursos de vida e os recursos atrelados a estas experiências. Nesse estudo, cada profissional recebeu a orientação da pesquisadora para que relatasse de forma livre sobre a sua trajetória de vida profissional, desde o momento que iniciou sua formação acadêmica, as especializações, campos de atuação profissional na área da psicologia até o momento em que se tornou supervisor, informando o seu tempo de exercício na atividade de supervisão de estágio.

A segunda parte da entrevista é a *Instrução ao Sócia (IaS)*, baseada em uma técnica da clínica da atividade de Yves Clot (2007) que visa a compreensão de como a atividade profissional é realizada, a partir da co-análise do trabalhador junto ao pesquisador, que por meio da instrução detalhada do seu trabalho, será levado a refletir sobre sua atividade profissional habitual (BATISTA & RABELO, 2013). Com isto, cada profissional foi instruído a partir da seguinte sentença: “*Suponha que eu seja seu sócia e que amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho. Quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?*” (CLOT, 2007, p.144).

As entrevistas foram audiogravadas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) através de categorias gerais conforme estabelecido nos objetivos deste trabalho, tais quais: (i) os conhecimentos teóricos e práticos relativos a atividade do supervisor; (ii) as relações interpessoais entre supervisor e supervisando, e com outras pessoas relativas ao exercício de sua atividade e (iii) as situações relativas ao desempenho de sua atividade profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As duas entrevistas realizadas com os profissionais tiveram duração média de uma hora (1hr). As unidades de registros foram construídas através dos temas baseados na regra de recorte do sentido contido nas informações, e posteriormente, foram reagrupadas em categorias que constituíram os objetivos estabelecidos para este estudo.

Primeiramente, serão apresentadas as categorias de análise identificadas nas entrevistas dos supervisores, seguido de algumas informações importantes acerca da formação de cada profissional. Em seguida, exporemos os resultados e discussões de ambos os profissionais atrelados a estas categorias.

Categorias de análise identificadas nas entrevistas dos supervisores entrevistados

Gabriela (nome fictício) atua no serviço escola de uma faculdade particular da região metropolitana do Recife onde também é docente e supervisora de estágio há três anos, sob o viés teórico da psicanálise Freud lacaniana. Logo após concluir a graduação, ingressou em um curso de mestrado na área de psicologia clínica e concomitante a esta atividade atendia na clínica psicológica. Além de atuar nesta instituição de ensino, também trabalha em outra instituição de ensino infantil onde atua como psicóloga. A entrevista de Gabriela apresentou 64 (sessenta e quatro) turnos de fala.

O segundo entrevistado foi Miguel (nome fictício): psicólogo há dez anos em um serviço público da região metropolitana do Recife especializado no acompanhamento de crianças e adolescentes, e trabalha na mesma instituição como supervisor de estágio há três anos sob o viés teórico da psicanálise Freud lacaniana. Concomitante a esta atividade, Miguel trabalha em um consultório particular realizando atendimentos psicoterápicos. A entrevista de Miguel contou com 80 (oitenta) turnos de fala.

Tabela 1. Categorias de análise identificadas nas duas entrevistas.

| Categorias principais | Subcategorias de análise | Possui na entrevista de Gabriela | Possui na entrevista de Miguel |
|-------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|---------------------------------------|
| CONHECIMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS RELATIVOS A ATIVIDADE DA SUPERVISORA | I. Cursos, formações e áreas de interesse profissionais ao longo da experiência da supervisora. | X | X |
| | II. Experiências profissionais no âmbito da psicologia. | X | X |
| | III. Aspectos institucionais referentes a atividade de supervisão. | X | X |
| | IV. Procedimentos técnicos estabelecidos pela instituição para a realização da atividade de supervisão de estágio. | X | |
| | V. Instrumentos e recursos utilizados pelos supervisores na | X | X |



atividade da supervisão de estágio.

| | | | |
|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|
| RELAÇÃO DA SUPERVISORA COM OS SUPERVISANDOS E OUTROS PROFISSIONAIS | VI. Aspectos referentes a formação dos grupos de supervisão e gerenciamento de conflitos. | X | X |
| | VII. Situações de sua atividade em que recorre ao auxílio de outros profissionais. | X | |
| SITUAÇÕES NOVAS E COMUNS RELACIONADAS A ATIVIDADE DA SUPERVISORA | VIII. Situações referentes a atividade profissional do(a) supervisor(a). | X | X |
| | IX. Resolutividade de situações-problemas com os grupos de supervisão. | X | |

X: elemento presente na entrevista dos profissionais.

Conhecimentos teóricos e práticos relativos à atividade do supervisor

De antemão é possível observar algumas semelhanças presentes na formação enquanto supervisores de estágio, como o tempo que atuam na área da supervisão e a abordagem teórica que norteiam a prática de ambos, a saber, a psicanálise Freud lacaniana. Os dois profissionais têm experiência na docência universitária, no entanto, Miguel informa na entrevista que deixou esta atividade pois: “acabou que a clínica, que é o que me fascina, que é o que eu gosto mais, acabou tomando conta desses horários que eu tinha como professor”.

No que diz respeito aos aspectos institucionais da atividade, Gabriela realiza a supervisão com sete grupos, contendo oito alunos em cada grupo. Já Miguel, supervisiona um grupo com quatro integrantes.

Na descrição sobre a formação profissional, ambos supervisores relatam que realizam a supervisão de seus casos clínicos desde o início da atuação na clínica psicológica, sendo uma prática de formação considerada importante para a realização de suas atividades como supervisores de estágio atualmente.

No tocante a perspectiva sociocultural vygotskyana, já é possível encontrar uma situação de aprendizagem profissional desta atividade, estabelecida pela relação existente entre Miguel e Gabriela com supervisores mais experientes. Esta relação que se constitui em uma ZDP, possibilita que os profissionais entrevistados possam lidar com um maior número

de situações clínicas da psicoterapia e que envolvam a supervisão, constituindo assim, um importante processo de aprendizagem e desenvolvimento da atividade como supervisores.

Com relação aos instrumentos e recursos utilizados com o grupo de supervisão, ambos os profissionais citam leituras específicas com relação à clínica psicanalítica. Não obstante, o estudo dos textos teóricos é feito previamente ao início dos atendimentos clínicos por Gabriela, ao passo que Miguel orienta os psicólogos em formação a partir das demandas que surgem na clínica. Ambos profissionais citam o uso de outros instrumentos no trabalho com os grupos de supervisão, como recursos audiovisuais e leituras de outra natureza, como informa Miguel no trecho a seguir:

Miguel: “Sim! Sobretudo literatura! (...) Memórias do subsolo de Dostoiévski, é, Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa (...) poemas de Manoel de Barros, essas coisas (...) As leituras técnicas começam a partir das questões técnicas que eles trazem, porque aí a leitura fica mais instigante, não é?! (...). Aconselho também ver muito cinema, ir para o teatro, ouvir música (...).”

Gabriela: “(...)as vezes eu começo ouvindo os atendimentos, aí depois eu passo para estudo teórico; que pode ser estudo teórico desses casos, ou pode ser textos mais gerais. Às vezes eu trago, estou sempre com o meu computador, as vezes eu trago alguns filmes, algumas coisas, vídeos (...).”

Com base nessas informações, é possível notar que os supervisores possuem autonomia para construir a atividade de supervisão, o que corrobora com os achados da literatura no qual atestam que os modelos de supervisão são baseados na experiência e formação profissional do supervisor. Observam-se semelhanças na atividade dos dois profissionais na escolha dos instrumentos que possivelmente podem ser influenciados pela abordagem teórica que orientam a prática de ambos. No entanto, nas supervisões de plantão psicológico¹ que Gabriela realiza na instituição, há uma certa padronização de alguns recursos e materiais didáticos usados pelos supervisores da faculdade com os supervisandos. Dado este motivo, foi criada a subcategoria IV na tabela 1 representada apenas por Gabriela.

De um modo geral, o discurso dos dois supervisores possibilita compreender como eles articulam os conhecimentos teóricos a partir das experiências práticas de atendimento clínico relatadas durante a supervisão pelos supervisandos. Estes instrumentos citados pelos profissionais contribuem para a formação dos futuros terapeutas, ao aprender a articular teoria

¹É caracterizado como um espaço de acolhimento e escuta psicológica para qualquer pessoa que o procure, podendo ser feito entre um e até três atendimentos, e por isso, é diferente de um acompanhamento psicológico contínuo. Esse serviço costuma ser oferecido em serviços escolas de psicologia, hospitais, ambulatórios, etc.

e prática, com a possibilidade de modificar estes instrumentos através das novas situações deparadas na prática psicoterapêutica (VYGOTSKY, 1998).

Relação do supervisor com os supervisandos e outros profissionais

Neste item, é possível observar algumas nuances presentes na fala dos profissionais, primeiramente sobre o modo como se referenciam aos membros do grupo de supervisão. Gabriela ao longo da entrevista, sempre se dirige ao grupo como alunos, ao passo que Miguel trata os membros do grupo de supervisão como colegas e/ou futuros profissionais, evidenciando modos distintos de relação estabelecida com o grupo de supervisandos. Quando se pergunta, por exemplo, a Miguel se existe uma sequência lógica para a realização da supervisão ele responde da seguinte forma:

Miguel: “Não necessariamente! Às vezes você pode começar, inclusive, a trazer suas próprias inquietações, relativo aos casos que você escuta (...). Porque isso vai ajudar os colegas a poder falar também sobre suas questões, para poder ajudar os colegas a descentrar o lugar que você está, sabe? Para que você não fique no lugar de que: “Ah! Eu tenho um saber maior que vocês (o supervisor) sobre aquilo que vocês estão fazendo!” Aí quando você traz suas escutas, traz os seus dilemas né?! Inclusive, demandando de colegas, posições sobre aquilo que você está escutando, isso facilita muito para os colegas se posicionarem também”.

Neste trecho, é possível observar que a relação estabelecida por Miguel com o grupo de supervisão é horizontalizada, onde facilita a participação dos membros do grupo a partir de suas próprias demandas, podendo assim o supervisor e o psicólogo em formação se ajudarem mutuamente, a fim de procurarem soluções para o manejo do caso. Em outras palavras, é possível observar que tal relação configura-se como uma ZDP, sendo essencial não apenas na formação de futuros terapeutas, mas também na aprendizagem do supervisor. Isto, pois ao demandar que o supervisando se posicione no grupo com relação ao manejo dos casos clínicos, este profissional também pode aprender enquanto forma.

Da mesma forma, a troca com outros profissionais da instituição parece contribuir no desenvolvimento da prática profissional. Esta afirmação pode ser vista no trecho a seguir de Gabriela, que descreve a relação com o grupo de supervisores da instituição de ensino onde trabalha e que além de discutirem questões burocráticas a respeito do estágio, se ajudam mutuamente na resolução de situações difíceis deparadas no contexto de supervisão.

Gabriela: “Então são posições que se alternam ali (grupo de supervisores) e eu acho que isso só é possível porque a gente tem uma relação de muita colaboração é (...) de mostrar assim, pelo menos eu,

de mostrar as minhas fragilidades: “Eu não sei não para onde eu vou! Não sei! Não estudei isso! Me ajudem!” E aí o grupo é bastante abastecido, quando a gente percebe que ninguém está conseguindo aí é que a gente elege, que a gente precisa de alguém de fora! E aí é bacana! A gente tem uma equipe que se ajuda muito!”

Com isto, tem-se outras formas de aprendizagem através da ZDP, sendo neste caso, entre os próprios profissionais supervisores da instituição que trocam experiências e auxiliam uns aos outros com as situações vivenciadas no espaço da supervisão de estágio.

Situações relacionadas a atividade do supervisor

Foram analisadas as situações de supervisão de estágio mencionadas pelos dois profissionais que aparecem em suas respectivas práticas. Com relação a entrevista de Gabriela, foram descritas principalmente as situações de conflitos no grupo que emergem devido a divergência de pensamentos, e situações clínicas que mobilizam o grupo como um todo. A fala a seguir, a supervisora descreve como costuma manejar esta última situação mencionada:

Gabriela: “(...) às vezes os alunos precisam, por exemplo, requer uma finalização de eu fazer uma fala, de eu fazer um fechamento de sentido e de escuta quando o caso mobiliza geral, sabe?! Aí eu preciso retomar algumas questões, o nosso comprometimento alguma coisa assim que...alivie até um pouco da agonia dos alunos”.

Com relação a prática de Miguel, o profissional descreve mais a respeito de como costuma trabalhar com o terapeuta em formação no manejo clínico de seus casos, ressaltando a importância de propiciar um leque de possibilidades para manejo do caso. Com relação a descrição de como o supervisor pode facilitar tal processo, Miguel dá a seguinte instrução na IaS:

Miguel: “Você não vai escutar, não vai ser uma escuta atenta do sentido! Você não vai tentar montar uma cadeia metonímica de sentido e responder a partir do sentido do que as pessoas estão lhe falando! (...) e só vai abrir a boca no momento em que, durante essa sua distração, você capturar alguma palavra, alguma coisa que diante de alguma interrupção, de alguma demanda para você ... abra o sentido daquilo que está sendo dito! (...). Que a sua fala não seja uma fala que dê seguimento lógico no que a pessoa está falando! Ou que seja algo do tipo: “Você não está vendo que...” Proponha um raciocínio que diga de uma continuidade do que está sendo dito, mas que abra a fala daquele que está ali falando para outras possibilidades, para novas possibilidades!”.

Isto posto, observa-se de forma clara como o supervisor facilita o processo de aprendizagem de terapeutas em formação no manejo e condução das atividades que estão aprendendo.

Além disso, ambos profissionais ressaltam a importância da experiência na clínica psicoterápica para a formação e o exercício da atividade como supervisor de estágio em psicologia. Ao falar sobre os recursos fundamentais para ser um bom supervisor, Gabriela responde da seguinte forma:

Gabriela: (...) Experiência clínica, mas voltado para a sua área, é claro que as vezes na clínica você vai ter casos clínicos que nunca se deparou antes e você vai ter que auxiliar o estagiário na condução desse atendimento, e no tempo clínico para saber como ele vai manejar (...).”

Depreende-se, portanto, que a atividade do supervisor é construída a partir das situações práticas que ele é confrontado tanto na sua experiência como psicólogo clínico, como na supervisão. É na ação que este profissional irá aprender a atividade, junto com os conhecimentos que adquiriu ao longo da sua experiência – e por esse motivo –, o campo da didática profissional é frutífero para a compreensão de tal atividade (VERGNAUD, PASTRÉ & MAYEN, 1994). Assim sendo, o profissional vai aprendendo e se desenvolvendo com o passar da experiência, na medida que aprende a lidar com um maior número de casos na clínica psicológica e a manejar os grupos, a partir das necessidades pessoais de cada supervisando. As relações estabelecidas com outros profissionais experientes, com o grupo de supervisores e principalmente com os terapeutas em formação, constituem um fator fundamental para o desenvolvimento da atividade do supervisor e do supervisando, sendo ambas processuais e contínuas.

CONCLUSÕES

Com o objetivo de compreender os processos de aprendizagem e de desenvolvimento da prática profissional dos supervisores de estágio clínico em psicologia, apresentamos neste texto os resultados das entrevistas realizadas com dois profissionais, atuando em duas instituições diferentes. Em relação à formação destes profissionais, foi possível observar que estes consideram a prática da supervisão clínica fundamental para o desenvolvimento das suas atividades profissionais. Nas suas funções como supervisor, os dois utilizam, ainda, uma diversidade de recursos e instrumentos para possibilitar a articulação entre os conhecimentos oriundos da prática dos atendimentos clínicos e os conhecimentos teóricos a partir das leituras.

A relação estabelecida com os supervisandos parece depender das experiências prévias dos supervisores tanto na supervisão de estágio quanto de outras experiências profissionais. O contexto institucional também se mostra como um fator que influencia no estabelecimento desta relação, pois na instituição de ensino superior Gabriela se refere aos supervisandos como estagiários e se utiliza de certos instrumentos de avaliação elaborados pela própria instituição, ao passo que Miguel trata os estagiários como colegas, entendendo esta relação como troca entre pares. Neste sentido, a ZDP surge de forma diferente. Do mesmo modo e não menos importante, a relação estabelecida com outros profissionais supervisores e principalmente com os membros do grupo de supervisão são essenciais para tal aprendizagem.

Nesse sentido, a perspectiva sociocultural e o campo da didática profissional foram fecundos para a reflexão deste trabalho, uma vez que também se pode concluir que o supervisor desenvolve sua atividade a partir da experiência, ao se confrontar com uma diversidade de situações clínicas e com o manejo de grupos de supervisão.

Sugere-se para estudos futuros, uma investigação com supervisores com mais anos de experiência profissional e de outras abordagens clínicas, uma vez que a semelhança dos recursos e instrumentos, bem como da formação dos profissionais entrevistados, pode ser devida a adoção da mesma abordagem psicoterapêutica na atividade profissional.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, M. C. & BARLETTA, J. B. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde** (ISSN 1980-1769); v. 12, n.12, 2010.

BATISTA, M., & RABELO, L. Imagine que eu sou seu sócia. Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v.16, n.1, pp.1-8, 2013.

BORIS, G.D.J.B. Versões de Sentido: Um Instrumento Fenomenológico-Existencial para a Supervisão de Psicoterapeutas Iniciantes. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, pp.165-180, ISSN 0103-5665, 2008.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Trad. Adail Sobral. Vozes, Petrópolis-RJ, 2007.

JOSSO, M-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**. Porto Alegre -RS, v.63, n. 3, pp. 413-438, set./dez. 2007.

MOREIRA, S. B. S. Descrição de Algumas Variáveis em um Procedimento de Supervisão de Terapia Analítica do Comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 16, n. 1, pp. 157-170, 2003.

PASTRÉ, P. La **Didactique Professionnelle: Approche anthropologique du développement chez les adultes**. Presses Universitaire de France. Dépôt legal. 1^oEd. 2011. ISSN : 2105-2913, 2011.

PASTRÉ, P. MAYEN, P. VERGNAUD, G. La didactique professionnelle. Revue Française de Pédagogie – Recherches em éducation. ISSN : 2105-2913, pp. 145-198. Disponível em: <http://rfp.revues.org/157>. Acesso em: 10 nov. 2017 às 20:32.

PREBIANCHI, H. B. & AMATUZZI, M. M. Análise de uma experiência de supervisão clínica. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 17, n. 1, p. 55-63, jan/abr. 2000.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. & NUNES, L. T. Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado? **Psico. USF**, v. 13, n. 2, p. 287-296, jul./dez. 2008.

RODRIGUES, R. R. B. Estágio supervisionado em Psicologia Organizacional: estudo preliminar. **Série Documental: Relatos de pesquisa**, v. 3, n. 25, 2007. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=4125>>. Acesso em: 10 nov. 2017

SARAIVA, L. A.; NUNES, M. L. T. A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 259-268, 2007.

SEI, M. B. & PAIVA, M. L. S. C. Grupo de supervisão em psicologia e a função de holding do supervisor. **Psicologia: Ensino & Formação.**, v. 2, n. 1, pp. 9-19 2011.

SOUSA, C.R. & PADOVANI, R.C. Supervisão em Terapias Cognitivo-Comportamentais: Trilhando outros Caminhos Além do Serviço-Escola. **Psico.USF, Bragança Paulista**, v. 20, n. 3, p. 461-470, set./dez. 2015.

TAVORA, M. T. Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC. **PsicologiaemEstudo**. Maringá. v. 7, n. 1, p. 121-130, jan./jun. 2002.

VERGNAUD, G. La théorie des champs conceptuels. **Recherches em Didactique des Mathématiques**. v. 10. n. 2/3, pp 133-170, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fontes. 6^o Ed. São Paulo, 1998.

ZANETTI, S. A. S. & GUIMARÃES, J. A. O sonho de um supervisor em uma clínica-escola: contribuições da psicanálise contemporânea. **Revista da SPAGESP**. v. 15, n.1, pp.79-94, 2014.